Religare, ISSN: 19826605, v.12, n.2, dezembro de 2015, p.260-277.

Do karatê ao *kung fu*: cinema, religião, elementos marciais e religiosos japoneses e chineses e sua recepção no Brasil (1984-2010)

Of Karate to kung fu: cinema, religion, martial elements and religious Japanese's and Chinese's and its reception in Brazil (1984-2010)

José Otávio Aguiar[1]

Resumo

Investiga-se neste artigo a recepção das culturas japonesa e chinesa no Brasil entre os anos de 1984 e 2010. A hipótese é esta: de forma gradativa, partiu-se de um predomínio da influência japonesa nos anos 1980 e 1990 para um período de aumento das referências de origem chinesa de meados dos anos 1990 até o 2000. São abordados os seguintes temas: as novas religiões japonesas no Brasil e suas relações com saberes religiosos preexistentes, o cinema japonês no Brasil e as artes marciais nipônicas, o cinema chinês e as artes marciais, a chegada do *kung fu* e do *tai chi chuan* ao nosso meio e hábitos de consumo.

Palavras-chave: Recepções Culturais, Novas Religiões Japonesas, Artes Marciais Chinesas e Japonesas, Cinema.

Abstract

Investigates to receipt of Japanese and Chinese cultures in Brazil between 1984 and 2010. The hypothesis is that, gradually, left is a predominance of Japanese influence in the 1980s and 1990s for increased period of Chinese origin references to the mid- 1990s to 2000. Addressing it will be the following subjects, namely: the new Japanese religions in Brazil and its relation to pre-existing religious knowledge, the Japanese Cinema in Brazil and Nipponese

[1] Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999), doutorado em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e pós-doutorado em História, Relações de Poder, Sociedade e Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). É bolsista de produtividade nível 2 do CNPq, agência de fomento que apoia este trabalho.

martial arts, Chinese Film and martial arts, the arrival of kung fu and tai chi chuan in our environment, consumer habits.

Keywords: Cultural Receptions, New Religions Japanese, Chinese and Japanese Martial Arts, Movies.

Nosso currículo de História no Brasil é um programa de História da Europa. Faz muito pouco tempo que os povos indígenas e africanos passaram a figurar como sujeitos de história independentes dos europeus em nosso pensamento didático. Seu espaço nos esquemas programáticos é ainda muito pequeno; sua caracterização é genérica e estereotipada. O Brasil, porém, não foi formado apenas por europeus, africanos e pelas diversas e variegadas etnias indígenas. Comportamos em nosso território a maior colônia de descendência nipônica do mundo. Nossa migração chinesa, secular que já era, intensificou-se nas décadas de 1950 e 1960, em decorrência da grande migração internacional resultante da Revolução de 1949 e de seu recrudescimento cultural nos anos 1960. Como pensar, entretanto, essas diversas heranças culturais e filosóficas em sua recepção no caldo de cultura que nos caracteriza?

Podemos provavelmente encontrar a melhor equação teórica para minimizar a centralidade da história da Europa no conceito de "conected histories", cuja lavra se remete ao historiador indiano Sanjay Subrahmanian.[2] Sua instrumentalidade consiste em escapar eficientemente de uma perspectiva de currículo centrada nas chamadas "histórias nacionais", ou mesmo "regionais", remetidas que eram a um conceito de região ainda em formação.

O argumento para abolir as fronteiras geográficas e políticas da historiografia tradicional se baseava no seu caráter quase sempre fictício e utópico. As perguntas que se colocam a partir de então são: por que, em vez de partir do paradigma do centro para a periferia, não privilegiar o olhar da

[2] SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected Histories*: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. Modern Asian Studies, v. 31, n. 3, jul. 1997, p. 760.

periferia para o centro? Quais níveis de circulação cultural têm lugar nas zonas de contato entre esses espaços? Quais conexões, articulações e trocas seriam feitas no âmbito desses espaços de permuta permeados por recepções ressignificativas e relações tensivas?

Essas perguntas orientaram nossa tentativa ensaística de estudar a recepção das culturas japonesa[3] e chinesa no Brasil. Isso porque, entre as décadas de 1980 e de 2000, houve modificações significativas nas formas de recepção dessas culturas entre nós. Esta, como se sabe, ocorreu em diferentes níveis culturais, espraiando-se pelos campos da mídia televisiva e musical, das religiões e religiosidades, das artes marciais e da marcialidade, dos hábitos de consumo e padrões estéticos, das medicinas e terapias alternativas. Nossa proposta neste ensaio é analisar os impactos dessas recepções no Brasil ao longo do mencionado período, com o objetivo de inspirar, em trabalhos futuros, estratégias didático-pedagógicas para abordar o tema no cotidiano da aplicação do currículo de História do chamado Oriente Distante nos cursos de graduação para a formação de professores.

Nossa hipótese inicial é a de que, de forma gradativa, partimos de um predomínio da influência japonesa nos anos 1980 e 1990 para um período de aumento das referências de origem chinesa de meados dos anos 1990 para o 2000. Nossa reflexão ensaística, que caminhará em sentido histórico-narrativo e analítico, abordará, oportuna e circunstancialmente, os seguintes temas: as novas religiões japonesas no Brasil e suas relações com saberes religiosos preexistentes, o cinema japonês no Brasil, o cinema chinês e as artes marciais, a chegada do *kung fu* e do *tai chi chuan* ao nosso meio, hábitos de consumo e variadas indústrias chinesas, não necessariamente nessa ordem.

Vivemos um período de emergência de intolerâncias diversas. O imaginário popular tende a generalizações agressivas. Apropriações radicais e

[3] Cf.: SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008.

extremistas da história tendem a distorcer a memória do passado em favor de diversas utilizações políticas, com disseminação nunca antes vista, graças ao grande poder de repercussão disponibilizado pelas redes sociais e demais mídias modernas. Esse estado de coisas evoca a necessidade de proporcionar aos alunos circunstâncias de aprendizado que evoquem a capacidade de discernir.

Saber que nem todo judeu é sionista, que nem todo muçulmano é jihadista fundamentalista,[4] que mesquitas são diferentes de sinagogas, que japoneses são culturalmente muito diversos dos chineses é privilégio de parte reduzida da população brasileira. A construção dessa capacidade de diferenciação respeitosa e discernida no reduzido grupo de professores de história em formação representa importante horizonte pedagógico.

Assim, as ideias e estratégias reunidas neste artigo partem da experiência como professor de História Moderna Oriental e História Medieval Oriental, ao longo de dez anos consecutivos, na UFCG, Universidade Federal de Campina Grande (PB). Ao compartilhá-las, pretendemos contribuir, senão para a prática de ensino dos temas abordados, para trazer minimamente aos debates temas pouco visitados pela reflexão historiográfica brasileira em nossos dias.

Religiões japonesas e sociedade brasileira: as apropriações do espiritualismo pela Seicho-no-Ie

[4] A palavra *jihad* vem do árabe e significa *luta, esforço, empenho*. A *jihad* é muitas vezes considerada um dos pilares da fé islâmica; são deveres religiosos destinados a desenvolver o espírito da submissão a Deus. O temo *jihad* é utilizado para descrever o dever dos muçulmanos de disseminar sua fé. E também para indicar a luta pelo desenvolvimento espiritual. Ao contrário do que muitas vezes se diz, *jihad* não significa uma guerra santa; na verdade, diz respeito a uma luta interna com o objetivo de melhorar o próprio indivíduo ou o mundo a sua volta. Existem grupos extremistas que usam métodos violentos para transmitir suas ideias, mas esse não é o conceito original de *jihad*. Cf.: HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

Dentre as novas religiões japonesas no Brasil, a que mais se desenvolveu e se difundiu em nossa sociedade foi certamente a Seicho-no-Ie (Lar do Progredir Infinito). Há muitas razões presumíveis para esse sucesso e recepção no caldo de cultura do Brasil do Pós-Guerra. Como o *aikido*, arte marcial sistematizada por Morihei Ueshiba (1883-1969), e a messiânica, religião japonesa fundada por Mokiti Okada (1882-1955), a Seicho-no-Ie, surgida no Japão dos anos 1930, descende da seita Oomoto. A Oomoto (Unificação) é uma religião japonesa fundada por uma camponesa analfabeta e sem grandes posses que, entre o final do século XIX e o início do século XX, começou a ser conhecida por psicografar ou, na linguagem dos seus adeptos, transmitir por inspiração divina mensagens atribuídas a um deus, Kami, maior e universal. O início de sua propagação ocorreu por volta de 1896.

Essa nova religião pregava a igualdade entre os seres e, por isso, surgiriam problemas com o Estado japonês, que propagava, na era Meiji, um xintoísmo centrado no Imperador que retomava seu poder, querendo afirmá-lo como de origem divina.[5] As perseguições se tornaram mais intensas quando a Oomoto passou a receber a influência de Onisaburo Deguchi, um intelectual japonês dado às práticas espirituais e à arte.

Deguchi atraiu a admiração de muitos jovens, como Masaharu Taniguchi, que, na década de 1930, fundaria a Seicho-no-Ie. Esta, chegada ao Brasil ainda nos anos 1930, por influência de um imigrante que conheceu sua filosofia e a levou ao interior de São Paulo, difundiu-se rapidamente depois da década de 1960.

Esse imigrante, Miyoshi Matsuda, se convertera após uma alegada cura de seu irmão, Daijiro Matsuda, que sofria de tuberculose. Ambos difundiram a filosofia na região de Ibiúna (SP), onde, mais tarde, construiriam uma academia

[5] A chamada Era (ou Período) Meiji ocorreu no Japão entre 1868 e 1912, sucedeu o Período Edo e foi seguida pelo Período Taisho. O nome significa "governo esclarecido" e foi adotado pelo imperador que reinou nessa época, Mutsuhito Tenno (1852-1912).

de treinamento espiritual que, até a atualidade, atrai centenas de pessoas para palestras e práticas meditativas e recitativas.

O exemplo da Seicho-no-Ie não está isolado no Brasil das últimas décadas. Na maior colônia de cultura descendente japonesa fora do Japão, coisas inusitadas se formaram, recepções culturais as mais variadas se configuraram, hibridismos incomuns afloraram. O judô de Jigoro Kano, o grande teórico do esporte e das artes marcais, havia se afirmado internacionalmente como nenhuma outra flor da marcialidade japonesa. Entretanto, seria no Brasil que ele se enraizaria e se difundiria em escala sem precedentes. Judocas, karatecas, monges budistas, adeptos da Seicho-no-Ie, da messiânica, da Oomoto, lutadores de jiu-jítsu vieram em navios sucessivos, incentivados por parentes ou amigos que já residiam no Brasil, nos anos do Pós-Guerra.

Sua história no interior de São Paulo é de extremo interesse para o observador atento. Sua permeabilidade na sociedade brasileira não se fez à semelhança do que ocorria com os numerosos imigrantes italianos, alemães e holandeses preexistentes. Os traços fisionômicos asiáticos, as diversas leituras religiosas, o obstáculo linguístico desafiariam esses japoneses em sua integração na sociedade brasileira. Uma nova paisagem humanizada à moda nipônica redesenharia ao longo do século XX várias regiões do interior de São Paulo e do Paraná, para nos concentrarmos apenas no Sudeste.

Nas décadas de 1970, 80 e 90, restaurantes japoneses, academias de artes marciais e sedes de novas e tradicionais religiões japonesas se difundiram por todo o território nacional. Entretanto, como um professor de história de ensino médio poderia abordar em sala de aula um tema tão cotidiano e, ao mesmo tempo, desconhecido? Não seria mais interessante começar falando da Seicho-no-Ie, por exemplo, para depois nos referirmos à unificação japonesa sob Ieyasu Tokugawa, Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi? A Seicho-no-Ie tem sedes

em nossas cidades, as academias de artes marciais também, bem como os restaurantes e culinária japonesa, não raro frequentados por nossos alunos.

A pergunta inicial que propomos é: quais as condições de permeabilidade de uma nova religião japonesa no Brasil? Quais os seus elementos de diálogo? Como escolha piloto, focaremos a Seicho-no-Ie, por ser a maior religião vinda do Japão hoje em florescimento no Brasil. Como a Oomoto, a Seicho-no-Ie se propõe à unificação. Seus preceitos unem, em entrelaçamento interpretativo, o xintoísmo, o budismo, o cristianismo e o judaísmo. Conceitos como o de reencarnação, influência da mente sobre a matéria e os comportamentos das pessoas por sintonia mental, magnetismo animal e continuidade da vida individual após a morte do corpo carnal já eram conhecidos nos meios religiosos letrados brasileiros, especialmente, pela influência do espiritismo kardecista brasileiro.

Nas traduções brasileiras das obras de Masaharu Taniguchi, o autor afirma ter consultado o espiritismo e seu campo de pesquisas, entretanto, não há nenhuma citação da obra de Allan Kardec em toda a coleção *A verdade da vida*, obra com 40 volumes, nem na coleção *A verdade*, com seus nove volumes, que consultamos na íntegra. O autor citado mais próximo a Kardec e aos círculos intelectuais de *La Revue Spirite* é o astrônomo Camille Flammarion. A pergunta seria: o que um autor japonês dos anos de 1930 a 1980 quer dizer quando fala de espiritismo?

A nosso ver, caberia dizer mais propriamente que o professor Taniguchi estaria se referindo ao que tradicionalmente se chamou de espiritualismo moderno. Por espiritualismo moderno, identificaremos aqui, de forma restritiva e limitada, as correntes, pensamentos exotéricos ligados às recepções das culturas orientais na Europa sob a interpretação das leituras e escritos de Helena Blavasky. Para além dessa tradição, Taniguchi recorreu a estudos científicos sobre a possibilidade da reencarnação, a parapsicólogos e médicos

norte-americanos e europeus que tratavam do tema, mas não especificamente a Allan Kardec e à sua tradição.

Isso talvez tenha ocorrido porque o espiritismo, muito popular entre nós, não havia alcançado a mesma permeabilidade no Japão. Hoje, os centros espíritas registrados no Japão são, em sua maioria, dirigidos e frequentados por imigrantes vindos do Brasil, que também foram, em sua maioria, seus fundadores. As concepções de reencarnação do espiritismo são diferentes das do budismo. O ponto de divergência central é a ideia da sobrevivência da individualidade em caráter imortal, defendida pelo espiritismo, em contraste com a concepção da sua anulação após o ciclo de reencarnações no nirvana, defendida pelo budismo.

Os espiritualistas modernos, em sua maioria, defendiam a sobrevivência individual da alma, embora nem todos fossem reencarnacionistas. A concepção de reencarnação no espiritismo tem base numa releitura da tradição da Torah e dos evangelhos;[6] tem seu nexo relacionado ao caráter evolucionista da doutrina e um cunho notadamente judaico, que tem sido destacado por autores espíritas modernos como Severino Celestino[7] e Haroldo Dutra Dias.[8] A reencarnação não é consenso entre os judeus, mas tem tradição em sua tradição rabínica como intepretação.

---

[6] Ainda que tenha sido introduzida por meio de informações mediúnicas.

[7] Professor, pesquisador e escritor, é um estudioso de línguas antigas e estudioso da Bíblia. É graduado em Odontologia, com especialização em Periodontia, mestre em Clínicas Odontológicas pela Universidade de São Paulo e doutor em Odontologia Preventiva e Social pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco. Sempre estudou a essência e conteúdo divinos da Bíblia em sua língua original, o hebraico. Espírita há mais de 20 anos, estudou a obra de Kardec e pesquisadores contemporâneos, relacionando o espiritismo com a Bíblia, com respeito e conhecimento.

[8] Juiz de direito do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, é escritor, tradutor e professor. É bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Formado em hebraico pela União Israelita de Belo Horizonte, também é especialista em paleografia, crítica textual, aramaico e francês. Vem se destacando como divulgador do Espiritismo, sendo autor e conferencista na área.

Quando da invasão de Paris pelas tropas nazistas, os arquivos de Allan Kardec talvez tenham sido queimados ou apreendidos pelos alemães,[9] e existe a possibilidade de que isso possa ter a ver com a associação entre espiritismo e correntes judaizantes de pensamento religioso. Naquela época, os nacional-socialistas haviam assumido uma leitura conturbada da obra de Helena Blavatsky, associada a uma simpatia pelo budismo exotérico que lastreava a ideia de uma tradição ariana espiritual reencarnada, que era cultivada pelos membros da Sociedade Thule, que os precedeu.[10]

A literatura sobre isso é farta, mas muito carente de rigor acadêmico que separe vestígio documental de suposição sensacionalista. No Japão do pós-guerra, submetido a uma avalanche de cultura estrangeira, algumas filosofias procuraram reconciliar a tradição dita oriental com a ocidental, o cristianismo dos norte-americanos com suas correntes do New Thought e as leituras mais abertas do budismo que estavam na moda.[11] A Seicho-no-Ie representa o maior exemplo dessa síntese.

O que nos importa aqui é que, num período marcado por essas divisões e disputas que iam da academia à religião, a Seicho-no-Ie reconciliava em sua doutrina judaico-cristianismo e budismo, e isso favoreceu a sua difusão em nosso solo, num momento em que o cinema e a mídia divulgavam as virtudes do Japão moderno, vitrine maior do capitalismo no Oriente. Pareceu atraente à população brasileira do Sudeste, primeiramente de São Paulo, associar seu interesse pelas filosofias orientais ao seu cristianismo de formação.

Depois da década de 1980, a filosofia se difundiria por todo o Brasil, ao mesmo tempo em que os produtos eletrônicos e carros japoneses passavam a ser considerados a perfeita síntese entre tecnologia e durabilidade. No Brasil,

---

[9] Cf.: MIRANDA, Herminio C. *As duas faces da vida*: textos reunidos. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2005, pp. 79-88.

[10] Cf.: LEWIN, H. (coord.). Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 730 p.

[11] Cf.: USARSKI, F. (Org.). O budismo no Brasil. São Paulo: Lorosae, 2002. 317 p.

país marcado por um ethos de desvalorização do trabalho manual, as práticas de gratidão por doação de trabalho braçal veiculadas publicamente pela Seicho-no-Ie marcavam um contraste cultural considerável. Em cidades do interior de São Paulo, como Cotia e Ibiúna, onde a entidade religiosa construiu uma academia de treinamento espiritual, a prática era denominada de kenrô.

O kenrô era praticado como cerimônia de purificação espiritual no interior das dependências da fazenda da Seicho-no-Ie, mas também nas praças públicas e espaços mais sujos da cidade. Os adeptos recolhiam o lixo das praças e regiões menos cuidadas ao som de recitações de "Obrigado, papai, obrigado, mamãe, obrigado, antepassados".

O sentido da cerimônia era criar uma espécie de meditação ativa associada à prática recitativa que suscitasse, pelo "poder da palavra", sentimento de gratidão às raízes da vida, ao corpo saudável que é herança dos pais etc. Diferente do que se poderia imaginar, nesse contexto cultural dos anos pós-1970, a prática conseguiu grande difusão entre os brasileiros, na medida em que era associada a notícias de cura e relatos de experiências descritas na revista *Acendedor* (mais tarde denominada *Fonte de Luz*), periódico mensal da entidade no Brasil.

Do karatê ao *kung fu*

O cinema norte-americano costuma fazer de seus enredos momentos de catarse e reconciliação simbólica. A culpa pelas bombas em Hiroshima e Nagasaki teve diversas válvulas de escape tanto literárias quanto cinematográficas, mas estereótipos predominam desde a época dos escritos da antropóloga Ruth Benedict[12] até hoje. O mito de reconciliação, via de regra,

[12] Uma antropóloga americana nascida em Nova Iorque, em 1887, concluiu os estudos iniciais no Vassar College em 1909. Em seguida, começou a graduar-se na Universidade de Columbia e

falava do nascimento de um Japão da paz, em entrelaçamento cultural com os EUA.

Um exemplo é o clássico filme *Karatê Kid*,[13] dirigido por John G. Avildsen, cuja história é, no mínimo, emblemática. Um jovem estudante, espancado por colegas, é adotado pelos cuidados e orientações de um mestre de karatê japonês. Trata-se de *Karatê Kid: a hora da verdade*, cujo roteiro era de Robert Mark Kamen. Diga-se de passagem, não se tratava de um mestre qualquer, mas de um grande sensei, um homem cujas tradições de família em Okinawa o qualificavam para a transmissão dos saberes medicinais e marciais.

Desafortunadamente, Miagui não tivera filhos. Diferente da sequência de katas e faixas que caracteriza o conhecido karatê shotokan, de Funakoshi, a forma tradicional da arte das mãos vazias cultivava apenas um kata por família. A transmissão hereditária da forma e de suas aplicações poderia ocorrer, também, pela adoção de um seito (aluno), espécie de filho marcial adotivo, numa relação de confiança, afetividade e principalmente discrição, hermetismo e segredo. No filme, a relação entre os dois supre a carência de afeto desse mestre, que, décadas antes, havia perdido a esposa e o filho no momento do parto e não se casara novamente.

A parceria é vitoriosa: Daniel San readquire sua honra, ganha uma namorada e transmite uma lição de filosofia japonesa aos espectadores. Intrinsecamente, no enredo do filme, talvez tenha-se constituído um momento de cartarse das mágoas e culpas da relação entre japoneses e norte-americanos na Guerra do Pacífico. Miagi era um ex-combatente e seu nome fazia homenagem a um grande mestre do karatê-dô de Okinawa do passado.

---

finalizou suas pesquisas de graduação em 1919. Fez parcerias com Franz Boas e tornou-se PhD. A publicação "Raça, Linguagem e Cultura", um importante manifesto antirracista, chamou a atenção do espaço acadêmico naquele período. Ruth Benedict mostrou que raça, linguagem e cultura são aspectos diferentes e independentes. Foi essa concepção que iniciou a ideia de que não existe raça inferior. A cultura de cada povo deve ser levada em consideração.

[13] KARATE KID: a hora da verdade. Direção: John G. Avildsen. Produção: Jerry Weintraub. 1984. 126 min.

Vivia-se então, na década de 1980, no Japão e no Brasil, o auge do sucesso da indústria de bens de consumo duráveis e dos cada vez mais populares implementos eletrônicos nipônicos. Como exemplo, no mercado automobilístico, uma década e meia mais tarde, sedãs japoneses como o Honda Civic e o Toyota Corolla superariam rapidamente em vendas os tradicionais correspondentes de montadoras já estabelecidas há mais tempo no Brasil, como a Chevrolet e a Volkswagen. Movimento semelhante ao dos utilitários japoneses nos EUA, campeões de venda e bem vistos no mercado.

De outro lado, na cultura televisiva, super-heróis japoneses, como os tokusatsus, conseguiam cada vez mais atenção de crianças e adolescentes no Ocidente. O ator japonês Tetsuo Narikawa, que interpretou o Spectreman na TV, era sensei de karatê e judô, mas suas habilidades marciais não foram exploradas na série. Diferentes dos chineses, até então, os japoneses não exploravam muito suas artes marciais nos cinemas.

Nos filmes de Akira Kurosawa, os samurais, seu kendo e sua ética tiveram relevo e destaque, sem que detalhes de suas técnicas marciais de mãos vazias fossem explorados. Nota-se também que, geralmente, ao final do filme, um ocidental desavisado saberia dizer que os samurais usavam espadas, mas não seria capaz de citar seu estilo ou técnica, o mestre que as fundara etc. Elementos assim passaram a ter mais destaques com os filmes chineses, especialmente após a intervenção de Bruce Lee e sua filmografia, que mostraram pela primeira vez, em larga escala, a arte marcial chinesa ao mundo ocidental. A rivalidade entre mestres chineses e japoneses era o tema mais recorrente nesse tipo de produção, ainda sob os efeitos dos traumas da Segunda Grande Guerra.

Recentemente, em 2010, uma produção cinematográfica ocupou a atenção fugidia dos aficionados em cinema de arte marcial. Foi a regravação do já citado clássico *Karatê Kid*. *The Karate Kid*, conhecido como *The Kung Fu*

Dream[14] na China e *Best Kid* no Japão e Coreia do Sul, foi um filme sino-norte-americano. Submetidos à fugacidade da cultura de produção em série, filmes contemporâneos, via de regra, seduzem por um curto período, apaixonado ou não, e passam.

Entretanto, uma característica desse filme nos servirá de elemento de reflexão neste espaço: não se tratava de uma produção sobre o conhecido karatê de Okinawa, mas de uma película em cujo enredo é narrada a trajetória de um pré-adolescente negro norte-americano que migra com a mãe para uma grande cidade chinesa em busca de melhores condições de vida, sofre *bullying* por causa da sua diferença e é protegido e preparado por um mestre de *kung fu/wushu* para que se defenda dignamente em um espaço de competição esportiva não muito ético e profissional.

A migração chinesa no Brasil, secular que era, se intensificou depois dos anos 1950, em parte pelos abalos econômicos e perseguições políticas vividas por aquele país. Foi nessa época que o Sifu Chan Kowk Wai fundou sua academia sino-brasileira de *kung fu* shaolin do norte no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Nos anos 1960 e 1970, filmes de Bruce Lee, como *Operação Dragão*[15] e *Jogo da morte*,[16] fizeram grande sucesso entre praticantes de arte marcial, mas fora de São Paulo poucos conseguiam distinguir as artes marciais chinesas das japonesas.

Talvez uma grande contribuição para isso tenha vindo da cena da invasão da academia de judô japonesa por Bruce Lee, em *Fúria do Dragão*, nos idos de 1971. Entretanto, nos anos 1990 e 2000, a China começou a prosperar e crescer no mercado de comércio internacional ao mesmo tempo em que crescia na mídia. Por volta de 2008, época das Olimpíadas de Beijing, o *kung fu* já

---

[14] KARATE KID. Direção: Harald Zwart. Produção: Dany Wolf, Jada Pinkett Smith. 2010. 140 min.

[15] OPERAÇÃO DRAGÃO. Direção: Robert Clouse. Produção: Bruce Lee, Fred Weintraub, Paul M. Heller. 1973. 110 min.

[16] Jogo da morte. Direção: Robert Clouse. Produção: Bruce Lee, Raymond Chow. 1979. 99 min.

gozava de enorme popularidade, graças à relativa abertura política chinesa, mas, acima de tudo, devido a duas décadas de investimento cinematográfico. A regravação de *Karatê Kid* foi melhor do que as continuações do primeiro filme, de 1984, mas nem se compara com o clássico do princípio. A primeira coisa a causar estranheza é que o karatê foi substituído pelo *kung fu* e o nipo-americano Pat Morita, pelo chinês Jack Chan, mas o filme continuou com o mesmo nome em sua produção no Brasil.

Esse *Karatê Kid* não convenceu muito. Nem mesmo o carisma de Jack Chan conseguiu superar a presença em cena de Pat Morita, que curiosamente, na vida real, não tinha nenhuma relação pessoal com as artes marciais. Na regravação, o aluno também serve de elemento de solução psicológica e afetiva para o seu mestre, num esquema comum em que uma tarefa pedagógica se torna uma terapia para o professor. A diferença sintomática, entretanto, agora, é que a China e o *kung fu* roubam o cenário. É o aluno americano que suplica ao mestre que abandone os desejos de vingança e não o contrário, como no filme de 1984.

Tecidas nas urdiduras das tramas culturais humanas, as relações que envolvem recepção e interpretação intersocietárias não obedecem a esquemas prévios de significação única e invariável. Tecido notadamente indeterminado, ele cruza historicidades e interculturalidades. Exemplo disso é a longa e multifacetada relação da sociedade brasileira com as culturas chinesa e japonesa.

O judô chegou ao Brasil com a colônia japonesa. Entretanto, só em 1933 a arte marcial de Jigoro Kano passou a ser difundida, a partir da comemoração dos 25 anos da migração japonesa no Brasil. Fundava-se, junto com a Federação de Judô, uma de kendô em São Paulo. O karatê de Funakoshi chegou com os imigrantes japoneses também, mas só se difundiria depois dos anos 1950. O jiu-

jitsu chegou entre nós em 1914 e foi recepcionado e aprimorado pela família Grace nas décadas posteriores.[17]

Como já comentamos, as artes marciais chinesas chegaram depois, na década de 1950.[18] Apesar de toda essa convivência de quase um século, ou mais do que isso, o senso comum do brasileiro médio ainda confunde as artes marciais chinesas com as japonesas. Como os conteúdos de história da China e do Japão em nossas escolas são ínfimos, o cinema e a TV têm sido os maiores difusores de informações sobre esses temas. Por isso, a utilização de filmes e documentários é uma boa alternativa para os professores que queiram destacar esses conteúdos.

Uma primeira surpresa é a ausência do tema nas aulas, em contraste com o cotidiano das academias de artes marciais, filmes de grande sucesso, populares restaurantes japoneses e chineses e, como vimos, religiões e filosofias chinesas e japonesas. Se esses elementos culturais estão tão presentes em nosso dia a dia, qual a razão da resistência dos professores em abordá-los? Preconceito ou ignorância do tema? Creio que um pouco das duas coisas.

Acrescente-se a isso o crescimento das abordagens de uma história cultural desatenta ao econômico, que faz com que temas locais de menor repercussão possam, tematicamente, eclipsar o papel do crescimento de países como a China no cenário dos grandes blocos emergentes da geopolítica internacional. Com frequência, preferimos os estereótipos de japoneses e chineses do cinema à observação do extrato de cultura desses povos que subsiste em diálogo estreito com o que chamamos de cotidiano.

---

[17] Cf. PRADO, Rodrigo Cribari. Histórias e memórias do Aikido no Brasil: a invenção das tradições ou a tradição das invenções? Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340392895_arquivo_artigoxienho-rodrigocribariprado.pdf>. Acesso em 30 de nov. de 2015.

[18] Cf. TRALCI FILHO, Marcio Antonio. *Artes marciais chinesas*: histórias de vida de mestres brasileiros e as tensões entre o modelo esportivo. Dissertação (mestrado) Escola de Educação Física e Esporte da USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-01082014-094628/pt-br.php>. Acesso em 30 nov. 2015.

Se hoje a arte marcial chinesa no Brasil conta com estudos acadêmicos, isso se deve à formação de um público praticante em cursos de graduação e pós-graduação em História, Ciências Sociais, Educação Física etc. O futuro dessa produção sobre as recepções culturais do chamado Oriente Distante entre nós me parece promissor, até no sentido de desconstruirmos, por meio de uma maior compreensão do fenômeno, a velha clivagem artificial entre as geografias imaginárias das orientalidades e ocidentalidades.

Considerações finais

O mapa das trocas culturais nem sempre corresponde às suas presumidas correspondências geográficas. Culturas migratórias marcam hibridismos, misticismos culturais, reelaborações identitárias originais, dentre outras possibilidades transculturais não previsíveis no domínio social-histórico dos homens. Por outro lado, a ideia de que o Estado esteja em crise corresponde a um discurso ultrapassado em duas décadas.

A União Europeia está em crise; o Estado alemão nunca esteve tão forte no Pós-Guerra; depois da desagregação da URSS, tivemos um recrudescimento do Estado russo, hoje quase autocrático e fortíssimo. O Mercosul fracassou em vários aspectos. A maior organização terrorista da atualidade busca se territorilizar e quer ser um "Estado Islâmico". Se o PCC e outros congêneres pudessem, também se chamariam de Estado. Como horizonte ou utopia, mas também como prática, o Estado ainda é muito forte. Se o poder se localiza nele, é outra questão. O fato é que o Estado é um desejo em muitos espaços do planeta. Na China, ele é uma realidade presente e politicamente influente, inclusive no curso da História recente das heranças marciais e religiosas do país, no mercado cinematográfico e no financiamento das recepções atuais da clássica literatura épica wushia.

A diáspora gerada pelas perseguições religiosas e políticas trouxe as artes marciais e religiões chinesas ao Brasil. Já as japonesas, embora tivessem vindo antes, por ocasião da grande migração da primeira década do século XX, se difundiram melhor depois da década de 1950, quando as condições midiáticas, econômicas e políticas permitiam uma maior permeabilidade e recepção entre nós. De imigrantes exóticos, portadores de práticas culturais desconhecidas que era necessário guardar no silêncio e no anomimato do intramuros da colônia, os japoneses passaram a cidadãos brasileiros admirados por seu espírito de trabalho e sua sabedoria filosófica. Ainda que, em ambos os extremos modelares descritos acima, estejamos lidando com estereótipos, não há como negar que o imaginário sobre os seres humanos e situações é tão efetivo historicamente em produzir práticas, adesões e mudanças quanto a empírica constatação sobre eles.

Referências

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

JOGO DA MORTE. Direção: Robert Clouse. Produção: Bruce Lee, Raymond Chow. 1979. 99 min.

KARATE KID: a hora da verdade. Direção: John G. Avildsen. Produção: Jerry Weintraub. 1984. 126 min.

KARATE KID. Direção: Harald Zwart. Produção: Dany Wolf, Jada Pinkett Smith. 2010. 140 min.

LEWIN, H. (coord.). *Judaísmo e modernidade*: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 730 p.

MIRANDA, Herminio C. *As duas faces da vida*: textos reunidos. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2005, pp. 79-88.

OPERAÇÃO DRAGÃO. Direção: Robert Clouse. Produção: Bruce Lee, Fred Weintraub, Paul M. Heller. 1973. 110 min.

PRADO, Rodrigo Cribari. *Histórias e memórias do Aikido no Brasil*: a invenção das tradições ou a tradição das invenções? Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340392895_arquivo_artigoxienho-rodrigocribariprado.pdf>. Acesso em 30 de nov. de 2015.

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected Histories*: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. Modern Asian Studies, v. 31, n. 3, jul. 1997, p. 760.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio. *Artes marciais chinesas*: histórias de vida de mestres brasileiros e as tensões entre o modelo esportivo. Dissertação (mestrado) Escola de Educação Física e Esporte da USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-01082014-094628/pt-br.php>. Acesso em 30 nov. 2015.

USARSKI, F. (Org.). *O budismo no Brasil*. São Paulo: Lorosae, 2002. 317 p.